

BOLETIM da CBAI

I-125,
1.25.
CO

SILEIRO-AMERICANA DE EDUCAÇÃO INDUSTRIAL

PROGRAMA DE COOPERAÇÃO EDUCACIONAL MANTIDO PELOS GOVERNOS DO BRASIL E DOS ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

N.º 1

JANEIRO

1947

COOPERAÇÃO BRASILEIRO-AMERICANA DE ENSINO INDUSTRIAL

DR. JOHN B. GRIFFING

[Representante Especial da Inter-American Educational Foundation, Inc.]



Dr. John B. Griffing

Uma pergunta pode desde logo ser feita: — "Por que estão os Estados Unidos interessados no desenvolvimento de programas de ensino no Brasil?" Desde 1940, como uma fase de cooperação com um aliado indispensável na luta mundial para conseguir e manter liberdade, representantes dos Estados Unidos têm trabalhado em conjunto com líderes brasileiros e de outras nações latino-americanas no desenvolvimento de diversos aspectos do ensino, principalmente os que se referem à saúde, eficiência de produção e bem estar dos povos. Agora, no período de após-guerra, a Inter-American Educational Foundation, Inc., uma agência do governo dos Estados Unidos mantém programas em cooperação com o governo brasileiro em ensino industrial e ensino agrícola. Estas são as duas espécies de ensino que estão ligadas à base econômica do país. O ensino agrícola tem em vista o aumento da produção de alimentos; o industrial, a expansão de fábricas, e ambos visam um padrão de vida mais elevado.

Os Estados Unidos não aceitam a teoria antiquada de que algumas nações deveriam ser fortes e ricas e fabricar mercadorias para vender às nações mais pobres que só produzem matérias primas. Eles reconhecem, pelo contrário, o princípio básico de que, quanto maior for a proporção de produção de alimentos e de artigos manufaturados pelo Brasil, maior será sua força como um aliado defeso do hemisfério e seu valor como um comprador. Irmão dos

Estados Unidos em tempo de paz. E' vantajoso para os Estados Unidos, de qualquer modo, que a sua nação irmã, abaixo do Equador, faça o maior progresso em produção, industrialização, prosperidade e padrão de vida.

Consideremos um exemplo específico. Há atualmente um movimento no Brasil para estabelecer uma grande fábrica nacional de tratores e maquinária agrícola. De acordo com a atitude antiga, os Estados Unidos deveriam deplorar esta realização porque isto significa perda de venda de maquinária. Por outro lado, uma visão mais esclarecida encontra na popularização de um trator nacional, mais barato e eficiente, um meio de criar uma fonte de riqueza que poderá determinar a aquisição de centenas de espécies de mercadorias.

Em vista de sua população limitada, os Estados Unidos foram sempre compelidos a criar métodos econômicos de eficiência e trabalho no campo e nas fábricas. Depois, quando impelidos, contra a vontade, à guerra, havia poucos homens para produzir, e as necessidades de alimentação, maquinária e armamentos aumentaram. Os métodos de ensino foram intensos. Cursos rápidos foram idealizados. O resultado deste treinamento no aumento da produção nível nunca antes sonhado é histórico.

Se agora existem alguns pontos nestas técnicas de treinamento que podem ser adaptados às condições do Brasil, é nosso dever reparti-los e nossa nação irmã para vantagem mútua.

Com este propósito foram aprovados acordos de gramas de treinamento entre os Estados Unidos e o Brasil.

O primeiro acordo foi assinado em novembro de 1945, pelo Sr. Kenneth Hollan

Monte, Rio; CBAI, Rio;

1 125
1 25

CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE ENSINO INDUSTRIAL (A. V. A.) EM SAINT LOUIS, E. U. A.

DR. FRANCISCO MONTOJOS

[Superintendente da C. B. A. I.]



Eng. F. Montojos

Minha viagem aos Estados Unidos da América foi empreendida com o fim especial de assistir à 40.^a Convenção Anual da American Vocational Association, a se realizar em Saint Louis, Missouri, em dezembro de 1946. A viagem foi, então, também aproveitada para visitar escolas e fábricas não incluídas no programa dessa Convenção. A Convenção de Saint Louis iniciou-se no dia 2 do mês citado (segunda-feira) e terminou no dia 7 (sábado), havendo durado, pois, uma semana

exata. Os delegados se hospedaram principalmente no Jefferson Hotel e no Statler Hotel, onde se realizaram as sessões.

Havendo reuniões simultâneas nos vários setores de que se compunha a Convenção, foi necessário um estudo prévio de todo o programa para que preferência fosse dada às sessões mais proveitosas a quem tinha de adaptar ao Brasil o que lá fosse visto.

O dia 3 de dezembro, em que cheguei a Saint Louis, à tarde, foi ocupado com o estudo do programa e com uma visita ao Sr. L. H. Dennis, Secretário da American Vocational Association.

No dia seguinte, assisti à sessão geral de abertura, presidida pelo Sr. C. L. Greiber, presidente da A. V. A., também diretor da Educação Vocacional e de Adultos do Estado de Wisconsin. Nessa sessão, além do hino nacional americano, cantado pelos convencionais, e da invocação religiosa feita pelo reverendo Patrick J. Hollorn, da Universidade de Saint Louis, e de vários números de música e canto, pelo Glee Club do Harris Teachers College, foram ouvidos alguns discursos: 1) do superintendente de instrução da cidade, Sr. Philip J. Hickey, de saudação aos convencionais; 2) do capitão da reserva naval norte-americana, William Exton, Jr., sobre a Reserva Naval e o treinamento Vocacional; 3) do Sr. J. Graham Sullivan, Diretor da Educação Vocacional e de Adultos de San Diego, Estado da Califórnia, apresentando os poucos delegados estrangeiros presentes; 4) do Sr.

Roy Scantlin, superintendente e diretor da Educação Vocacional do Estado de Missouri, apresentando as saudações do Departamento Estadual de Escolas Públicas; e 5) do Sr. R. W. Gregory, assistente do Comissário, do Governo Americano, de Educação Vocacional, sobre a lei George-Barden.

A manhã do dia 5 foi ocupada com a visita à David Ranken Jr. School of Mechanical Trades, da cidade de Saint Louis, situada na Finney Ave. Esta visita, embora realizada com numerosos convencionais, pode ser relativamente minuciosa. Ai se ministram cursos sobre condicionamento de ar, reparo de automóveis, carpintaria, desenho, eletricidade, mecânica, pintura, moldação, instalações domiciliares, operação de estações de força, rádio, refrigeração, funilaria e soldas.

Foram-me cedidos folhetos sobre cada um desses cursos e sobre a organização geral da escola.

No mesmo dia 5, à tarde, assisti a uma reunião sobre Treinamento Vocacional e Técnico para a Paz Mundial, onde se efetuou um symposium sobre os planos da UNESCO e da Comissão Nacional Norte-Americana de Educação Internacional, onde teve ocasião de falar o Professor Mario P. de Brito, que me acompanhou em quase toda a excursão.

Ainda no dia 5, participei do banquete anual da American Vocational Association, agregando-me a uma das duas mesas reservadas para o Estado da Califórnia.

No dia 6, assistí, à tarde, à reunião da American Association of Technical High Schools and Institutes, presidida pelo presidente dessa Associação, que é o diretor da Technical and Industrial High School de Syracuse, Estado de New York. Nessa reunião, o Sr. Walter J. E. Schiebel, diretor da M. R. Crozier Technical High School, de Dallas, Estado de Texas, fez uma importante exposição do trabalho realizado nessa instituição. Na mesma ocasião, fizeram-se ouvir o Sr. William E. Stirton, diretor da Cass Technical High School, de Detroit, Estado de Michigan, sobre os programas de educação técnica da cidade, e o Sr. M. M. Boring, da General Electric Company, de Schenectady, Estado de New York, sobre as "Necessidades da Indústria em Conexão com o Treinamento Técnico no Nível das Escolas Secundárias". Houve, ainda, uma exposição, pelo Sr. Clarence E. Crofoot, diretor da Mount Pleasant High School, de Schenectady, Estado de New York, sobre a "Seleção de Alunos para os Cursos das Escolas Técnicas Secundárias".

No dia 7, assistí à sessão realizada no Statler Hotel, sobre os ofícios pertinentes à construção civil, onde vários oradores discutiram as necessidades norte-americanas da formação de novos operários desse ramo, sobretudo pedreiros.

Alguns dias depois, recebemos do Dr. Dennis, o seguinte telegrama:

"Recebemos suas felicitações e felizes votos com grande entusiasmo. Todos membros A. V. A. expressam sinceros agradecimentos e oferecem sua mão de amizade e cooperação. — L. H. Dennis, Secretário Executivo".

Visitei, também, durante a Convenção, a exposição existente no Jefferson Hotel, onde várias firmas editoras de livros técnicos ou fabricantes de material usado em educação industrial ocupavam "stands" com seu material e catálogos.

Ainda durante a Convenção, reservei a manhã do dia 6 para uma conversa minuciosa com o Sr. Howard Gunderson, Diretor de Educação Vocacional do Estado de Utah, durante a qual foi por êle explicada a organização desse Estado sobre educação industrial.

Antes de iniciar-se a Convenção de Saint Louis, visitei os escritórios da Inter-American Educational Foundation, Inc., na cidade de Washington, D. C., entrando em contacto com os Srs. Willfred Mauck, David Campa, David Heft, A. S. Boynton e John Floyd e discutindo pontos do programa brasileiro, especialmente os relacionados com a projetada viagem de professores das escolas industriais para treinamento nos Estados Unidos.

Antes, também, da Convenção, visitei minuciosamente a Trade School da Fábrica Ford, em Dearborn (perto de Detroit), Estado de Michigan, bem como a "assembly line" da aludida fábrica, tendo obtido impressos e prospectos da escola, relativos aos seus cursos e maneira de administrar a instituição.

Após a Convenção, efetuei uma viagem às cidades de San Francisco, Los Angeles e San Diego, no Estado de California, à cidade de New Orleans, no Estado de Louisiana, às cidades de Boston e Waltham, no Estado de Massachussets, e à cidade de Hartford, no Estado de Connecticut.

Em San Francisco, visitei pormenorizadamente a Samuel Gompers Trade School, um dos sete centros de educação de adultos da cidade, sob o contrôlo do respectivo Board of Education.

Em Los Angeles, foi visitada a Frank Wiggins Trade School, com toda a minúcia. Tal visita foi precedida de uma conferência nos escritórios do Board of Education da cidade, onde o Sr. William H. Cole, Supervisor de Aprendizagem, explicou minudentemente a maneira pela qual o Estado da Califórnia aplica as leis federal e estadual de auxílio à educação industrial. A visita foi, igualmente, precedida de uma conferência com um dos assistentes do diretor da Escola, na qual seu funcionamento foi exposto, bem como respondidas perguntas que interessavam de perto ao nosso ensino desse tipo.

Na cidade de Los Angeles visitei, também, a fábrica de aviões Lockheed, acompanhado por um técnico da própria empresa e um dos membros do Board of Education local, encarregado do treinamento relativo à aviação.

A visita durou algumas horas, sendo percorridas e examinadas numerosas oficinas da enorme fábrica e também a escola que mantém para treinamento de pilotos e mecânicos.

Em San Diego visitei a Trade School da cidade e, ainda, uma escola técnica secundária, onde se pratica o ensino pre-vocacional.

Em New Orleans, visitei a Isaac Delgado Trade School e a Tulane University.

Em Boston, visitei, em companhia dos Srs. Boynton e Heft, o Wentworth Institute e o Massachusetts Institute of Technology.

Em Waltham, Estado de Massachussets, foi visitada a fábrica de relógios Waltham e a escola industrial respectiva.

Em Hartford fui aos escritórios do Board of Education do Estado, bem como ao Departamento Estadual do Trabalho e à Câmara de Comércio, afim de estudar a possibilidade de serem os professores brasileiros de ensino industrial, que deverão ir aos Estados Unidos, recebidos na indústria local, para estágio.

De volta à cidade de New York, fui ao Departamento de Educação do Estado, para assentar com o Sr. Gilbert G. Weaver, supervisor do treinamento de professores do ensino industrial, a realização de um curso especial para os nossos professores.

O "BOLETIM DA CBAI"

Este Boletim será editado mensalmente e terá os seguintes objetivos :

1. Informar a todos os interessados sobre o desenvolvimento e o progresso do ensino industrial no Brasil.
2. Publicar artigos especiais sobre o ensino industrial.
3. Apresentar informação específica de utilidade para professores e diretores de estabelecimentos do ensino industrial.

O Boletim será remetido, sem onus, a todos os diretores e professores do ensino industrial no Brasil e a todos aqueles que se interessam por esse ensino.

Solicitamos aos senhores professores e diretores que enviem artigos para serem publicados neste Boletim, artigos esses que deverão interessar a todas as pessoas relacionadas com o ensino industrial. Os trabalhos poderão versar sobre :

1. Novas idéias e trabalhos realizados pelas escolas industriais.
2. Notícias de nomeações, mudanças no pessoal, etc.
3. Exposições realizadas nas escolas.
4. Informação de utilidade para professores e diretores de oficina.
5. Artigos especiais sobre o ensino industrial.

Quando for possível solicitamos que enviem fotografias juntamente com os artigos. Estas não serão restituídas e muitos artigos talvez nem sejam publicados. Ao enviá-los queiram endereçar para: *George S. Sanders. — Comissão Brasileiro-Americana de Ensino Industrial — Rua Santa Luzia, 685, 3.º andar. — Rio de Janeiro.*

Este é o primeiro número do *Boletim da CBAI*. Esperamos fazer dele uma publicação útil e interessante.